
Uma deriva por ilhas de afetividade

Por Julia Guimarães¹

Criada pela Cia. Uma, de Jacareí, a intervenção “10 minutos para você – uma performance afetiva” propõe, como o próprio título antecipa, uma experiência de respiro sobre a temporalidade acelerada do cotidiano. Na apresentação feita durante o 33º Festivale, no último domingo (9) o local escolhido não poderia ter sido mais propício à intenção do coletivo: o Parque Vicentina Aranha, que reúne sombra, grama, árvores, bichos e arquitetura, criando um ambiente favorável à valorização da poesia e do prazer sinestésico propostos no trabalho da Cia. Uma.

Como espectadores, somos convidados a vivenciar um encontro individual com cada um dos seis performers do grupo, já que as intervenções são feitas para uma única pessoa por vez. Nesse formato, o que se valoriza é justamente a qualidade da troca intersubjetiva proposta pela criação, pautada por uma alta carga de intimidade e confiança. Além disso, o modo como cada intervenção é construída produz uma zona de conforto e afetividade favorável à intensificação desse encontro efêmero, previsto para durar 10 minutos.

Na proposta, somos convidados a traçar nosso próprio percurso por entre as seis intervenções. No itinerário vivenciado por mim, a deriva teve início em uma mesa de restaurante, na companhia do artista Pedro Alonso. No lugar de refeições, nos eram oferecidas músicas e poesias, performadas ao gosto do espectador, que escolhia no cardápio o modo como preferia “degustar” cada uma das proposições artísticas sugeridas. Ao transpor a lógica do menu degustação para o campo da arte, valorizava-se o cuidado e a atenção especial a cada pessoa que sentava à mesa, além de produzir um jogo lúdico na relação entre artista e espectador.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

No meu pedido, recebi poesia dita ao pé do ouvido seguida de canção sobre juras de amor, com direito a brigadeiro de café na sobremesa. E embora a temática elegida na degustação fosse prato cheio para os riscos da alta voltagem sentimental, a canção composta por Pedro Alonso propunha justamente o oposto: um olhar cotidiano e desdramatizado sobre o lugar do amor na vida contemporânea.

A ideia de produzir poesia a partir de sutilezas cotidianas parecia acompanhar todas as seis intervenções. No encontro com Vanessa Zanchi, suas palavras me chegavam por meio de fones de ouvido. Enquanto escutava seu depoimento, era convidada a realizar ações que remetiam à minha própria infância, como a de enxergar o parque sob as lentes de um olho mágico e colorir um desenho com lápis de cera. O prazer da memória afetiva atuava sobre a subjetividade e parecia me deixar mais porosa aos estímulos ao redor. Como lembrança, recebi de Vanessa uma carta com palavras delicadas e estimulantes, escritas por ela ao longo dos 10 minutos em que estivemos uma diante da outra.

Na proposição seguinte, criada por Tamara Cardoso, fui convocada a tirar os sapatos e entrar no seu jardim. Também mediado por fones de ouvido, nosso encontro era confortável como uma xícara quente de chá, servida durante sua intervenção. Ao final, como num convite a voltar-se para si, éramos solicitados a plantar amor e/ou enterrar o medo em seu jardim. Embora a metáfora não desse saltos para além de lugares previsíveis, era o ato em si de remover a terra para materializar a ação escolhida que conferia uma dimensão sensorial ao gesto proposto, o que colaborava para ampliar seus significados.

Assim, quando cheguei na banca de trocas afetivas proposta por Fernando Pereira, meu estado corporal já era outro, mais relaxado e propenso a transcendências. Em seu jogo com o espectador, Fernando pedia que deixássemos ali um sentimento desagradável, expelido metaforicamente no ato respiratório de encher de um balão. O expurgo poético e ritualístico completava-

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

se com o pedido para que escrevêssemos no balão a palavra que nos ajudaria a livrar-se do sentimento indesejado. Com a ajuda de uma agulha, o balão era rompido e o ar carregado se dissipava pelo parque. Assim como ocorria no jardim de Tamara, era também o ato de converter em ação concreta questões usualmente associadas a uma dimensão imaterial da experiência o que conferia à proposta um potencial ritualístico de transformação. Como se essa ação inaugurasse uma dinâmica de reflexões vivenciadas sensorialmente a respeito daquilo que nos paralisa e do que nos faz mover.

Embora não tenha conseguido vivenciar o encontro com Natalia Bastos – único que extrapolava a duração de 10 minutos, ao propor um formato mais livre e dialógico de interlocução com o público – pude espreita-lo enquanto fazia fila para meu derradeiro tête-à-tête. Tive, assim, a oportunidade de vislumbrar a performance como espectadora externa, outro modo de participação possível em “10 minutos para você”. Nessa rápida espiada, me chamou atenção o caráter processual da proposta, ao solicitar que o espectador deixe alguma mensagem – escrita ou desenhada – na enorme colcha onde a performer se senta junto aos seus convidados. Trata-se de um gesto que favorece a construção de uma memória coletiva, que atravessa as experiências vividas nas diversas apresentações.

Também na intervenção de Milena Siqueira, responsável ainda pela dramaturgia do trabalho da Cia. Uma, é o espectador que deixa uma lembrança no caderno da performer ao final dos 10 minutos, se assim o desejar. Como ocorre em outras intervenções, trata-se de uma experiência igualmente permeada pela intimidade sonora dos fones de ouvido, que nos permite um isolamento acústico do mundo externo para imergir na subjetividade daquela que se encontra diante de nós.

No caso de Milena, o encontro foi potencializado ainda por outros dois elementos. De um lado, o convite para que nos mirássemos nos olhos durante

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

esses 10 minutos, o que construía uma conexão silenciosa e afetiva, em um campo de troca raramente vivenciado no dia-a-dia. De outro, a fala de Milena que nos chegava aos ouvidos era igualmente radical em seu caráter de partilha de pensamentos muito íntimos, que pareciam ter sido elaborados ao longo de anos e diziam respeito não exatamente a um acontecimento, mas ao próprio modo de a performer ver o mundo e compreender o campo das ideias. Embora fôssemos solicitados a deixar uma frase em seu caderno ao fim desse encontro, o maior presente ali era certamente a dimensão de entrega projetada por sua presença e suas palavras.

Após a vivência desse conjunto das experiências, ecoava em mim a famosa frase de Goethe: “Todos os dias deveríamos ler um bom poema, ouvir uma linda canção, contemplar um belo quadro e dizer algumas bonitas palavras”. Aqui, contudo, esse processo de sensibilização estética não se dá por uma via individual, e sim relacional, permeada pelas tantas trocas intersubjetivas vivenciadas no arquipélago afetivo construído pelo grupo. Trocas essas que nos proporcionam não apenas 60 minutos de respiro e beleza, mas também o vislumbre heterotópico do mundo e das formas de vida que nos interessam fomentar.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.